

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria Adelina Assunção

registada em 2009-02-05
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira

Maria Adelina Assunção

Maria Adelina Assunção nasceu na Benfeita em 17 de Setembro de 1928. Filha de António Francisco Nunes e Assunção de Jesus. Eram comerciantes “tínhamos uma loja de comércio”. Foi criada pela madrinha e quando já sabia fazer alguma coisinha “é que a minha mãe me lá foi buscar”. Começou nova a trabalhar. Andou na escola até à terceira classe “mas já fazia qualquer coisita” quando foi para a escola. O namoro foi às fugidas, “não tinha vagar de namorar”. “Era, às vezes, à noite, um bocadito às fugidas.” Casou com 23 anos, tem dois filhos e um neto. Em 1961, foi para África onde teve quatro casas de comércio. “Vendíamos tudo! Panos, tudo que era de peixe, peixe seco, polvo seco, açúcar, arroz.” Regressou à Benfeita depois de o marido falecer.

Índice

Identificação Maria Adelina Assunção.....	4
Ascendência "Trabalhava-se muito".....	4
Casa "Duas casas ligadas uma à outra".....	6
Infância "Eu estava sempre em casa, eu é que dava as leis".....	7
Educação "Na última é que eu ia para a escola".....	8
Religião "Quando não sabíamos, tínhamos que ir às laranjas".....	10
Namoro Nem se dava um beijo nem nada.....	11
Casamento "Ia toda de branquinho".....	12
Descendência "Uma cara de enjoiada".....	12
Percurso profissional "Continuámos com o negócio".....	14
Migração "Outro futuro melhor".....	14
Quotidiano "Economizo muito".....	18
Costumes Tradições da Benfeitá.....	20
Lugar Um lugar chamado Benfeitá.....	24
Avaliação "Fui entrevistada!".....	28

Identificação *Maria Adelina Assunção*



Maria Adelina e Coimbra, o cão, numa praia do Mirrote (anos 60)

O meu nome é Maria Adelina Assunção. Nasci na Benfeita em 17 de Setembro de 1928.

Ascendência "*Trabalhava-se muito*"

Os meus pais eram da Benfeita. Eram António Francisco Nunes e Assunção de Jesus. Quando nasci, já eles tinham o comércio. Faltou pouco para eu nascer dentro do balcão! Faltou pouquinho, porque à minha mãe deu-lhe as dores de repente e ia-me tendo dentro do balcão! Depois, quem me criou não foi a minha mãe, foi a minha madrinha. Quando eu já ia fazendo alguma coisinha, é que a minha mãe me lá foi buscar.

O meu pai também era comerciante. Quando se casou, já era. Tínhamos uma loja de comércio. Era de tudo: de construção, de mercearia, peças de pano... Ele viveu cá sempre na Benfeita, mas fazia a carreira daqui para Coimbra num carro de bois, quando era solteiro. Depois, casou-se. Tinha duas mulas, comprou umas carroças, uma galera. Uma galera eram duas mulas e era o feito de uma carroça,

mas mais sobre o comprido e tinha um coberto por cima de zinco. Aqui, em volta da Benfeita, levava sempre tijolo, areia, aquilo que precisavam para as obras. Quando era assim do tempo que se botavam os porcos, vinham cá encomendar 4 e 5 alqueires de sal. E o meu pai lá levava à terrazinha onde matavam os porcos, ao Sardal, ao Enxudro. E não eram caminhos como agora. Eram caminhos de cabras. Foi assim. Eram uns tempos desgraçados. Trabalhava-se muito.

O meu pai começou a fazer essa carreira para Coimbra com as mulas e com a carroça. Ia buscar mercadoria. Não é como agora. Tinha que se perguntar as coisas. Os panos comprava na Sociedade de Fazendas e a mercearia comprava sempre num armazém certo. Mas, às vezes, eles também erravam e ele ia a outros. Depois, gritavam com ele por ir comprar a outros, que era para saber os preços uns dos outros. Ele ia segunda de madrugada e na quarta é que vinha. Parava na Raiva, perto de Coimbra e em São Martinho para as mulas descansarem um bocado e para lhes dar comida.

"As mulas pouco podiam arrancar"

Ali antes de chegar à Raiva, havia uma encostazinha na estrada, assim um bocadinho a subir e a descer. Um dia, caiu lá a mula e morreu. A mula nem era do meu pai, era do meu avô. Mas o homenzinho pouco dinheiro levou por a mula. Ela ia muito bem. Nisto caiu para o chão. Caiu mal e morreu. Aquilo não se esperava. Depois, o meu pai teve que vir para a aldeia e arranjou outra mula para vir cá trazer as coisas. Levou-a para baixo à rédea e de lá é que a conseguiu pôr na galera. Veio, então, para aqui com a mercadoria. Mas não era esta estrada! Ali, à entrada da povoação, estão umas oliveiras e há uma estrada que até passa uma pontezinha. Vinha por aquela estrada "pia cima"¹. É tudo a subir. As mulas pouco podiam arrancar. Depois, chegámos aqui ao meio da povoação, arrastavam-lhe a carga. Outras vezes puxávamos nós para cima a chover. Era assim a vida. Uma vida muito desgraçada.

"Gostava de ver sempre as coisas direitas"

Mas o meu pai tinha muito crédito e era muito honrado. Ia para Coimbra e corria o comércio todo por meio tostão, naquela altura. Meio tostão ainda era muito dinheiro. Era para chegar aqui e vender. Não havia concorrência, mas havia muitas lojas. Em volta da casa da minha mãe, eram três lojas de comércio

¹ por aí acima

e todas pegadas umas às outras. Ele trazia sempre a mercadoria e comprava tudo a pronto pagamento. Comprava mais barato e depois podia cá vender mais barato. Também fazia o serviço por a mão dele. Não tinha nenhum ajudante para o ajudar, para pagar o que eles ganhavam.

Chegava cá sempre à quarta-feira junto ao escurecer. A gente só descansava bem segunda e terça, que era quando ele cá não estava. À quarta-feira, se ele visse um feijão-frade no chão ou um grão de milho ou uma coisa qualquer, pronto, começava logo a berrar com a gente. E não era brincadeira. Batia-nos. A gente se fizesse as coisas mal feitas:

- "Olha, vem-te o juízo. Senão, já sabes. Está ali o metro, apanhas com ele!"

Com o metro de medir a fazenda. Ah, foi assim. Mas, graças a Deus, vivemos sempre fartos de tudo.

Mais tarde, comprou um carrito. Os meus irmãos são cinco rapazes e duas raparigas. E eles todos tinham carta de condução. Mas o meu pai era rabugento. Gostava de ver sempre as coisas direitas. Então, os meus irmãos, às vezes, eram mauzitos e diziam assim:

- "Ou você se cala ou então ponho pela barreira abaixo!"

A tirem-se com ele.

Casa "Duas casas ligadas uma à outra"

A nossa casa era mesmo ali à praça. Aquando se corta para o café, há aquela casa alta. Eram duas casas ligadas uma à outra. Era a casa do comércio. Tinha uma portinha em baixo, onde a gente entrava, que era a mercearia, e tinha uma portinha que era para o vinho. Vive lá agora um irmão meu. Tínhamos as casas separadas. A loja do vinho era uma coisa, onde se vendia o vinho e bebida, e a loja de mercearia era outra. Mas tínhamos entrada de umas para as outras. Era proibido, mas não vinha cá a fiscalização.

Tinha a loja e tinha a escadaria para o andar de cima. Tinha três quartos no andar de baixo e uma sala. E tinha outros três no andar de cima e outra sala, onde a gente comia e pernoitava, onde a gente só ia dormir, mais nada, porque de lado tínhamos a casinha onde eu fazia a comida. Éramos sete irmãos, cinco rapazes e duas raparigas, e era o meu pai e a minha mãe. Mas eu fazia muita comida para fora. Como é que a gente fazia a comida? Não havia o fogão! Havia, às vezes, uma máquina onde está petróleo, que ainda há hoje. Mas antes era no chão com lenha, uma panelazinha de ferro ao lado e o tacho em cima das trempes. Há umas trempes de ferro com três pernas. A gente botava a fogueira a arder, púnhamos as trempes em cima, púnhamos o tacho em cima das trempes e a panela da sopa a ferver de lado. Mais tarde, quando as coisas começaram a vir,

é que já se comprou um fogão de ferro. Não é como agora. Agora, uma pessoa tem tudo, assim haja dinheiro. Mas as casas eram boas. Agora é que já são reles. Já fazem outras melhores.

Infância *"Eu estava sempre em casa, eu é que dava as leis"*

Quase que nasci dentro do balcão. Comecei a trabalhar novita. Não é como agora. Agora, são todos uns calões. A minha mãe tinha os filhos de dois em dois anos. Temos diferença uns dos outros de dois anos. E eu era a mais velha das raparigas. A minha irmã andava mais por fora. Andava na fazenda, ia regar, tínhamos as cabritas e lá andava nessa vida. Mas chegava a casa, não fazia nada! Dizia:

- "Olha, trabalha tu que ficas em casa! Eu já venho farta de trabalhar de fora."

E era assim. Às vezes, aos domingos, ela estava na janela - que a minha irmã é muito bonita - a ver quem é que passava para a missa. E a Adelina é que estava sempre na loja. Tinha que lhe fazer o comer e lavar os pratos. Ao domingo tínhamos muita freguesia e, às vezes, fazia-se 400 escudos, 500 escudos. Não é como agora. Quando se fazia 1000 escudos, já uma pessoa ficava toda contente. Era assim o meu pai:

- "Olha, amanhã já vem um dinheirinho bom para levar para Coimbra. Já vou ou comprar isto ou comprar aquilo."

Nessa altura, vinham cá os ourives de Tondela, de Tonda, daqueles lados. Andavam de bicicleta de terra em terra a vender o ouro. Iam ao Monte Frio, iam à Relva Velha, Pardieiros. Até do Caratão chegavam a vir. Iam sempre para aproveitar a casa do meu pai. Pois, não havia cá quem. Como tinha comércio, o meu pai é que dava a comida e eles pagavam. Mas era tudo barato. Então, comiam aqui uma refeição por 200 escudos, 300 escudos. Que era isso? E eu é que fazia a comida. Eles gostavam bem do meu comer! Eu estava sempre em casa, eu é que dominava, é que dava as leis. Às vezes, os meus irmãos chegavam a casa:

- "Ó Adelina! Quero comer!"

Digo-lhe eu assim:

- Então, onde é que eu tenho o comer feito? Para estar à loja, não posso estar noutro lado!

Um dia, até ia partindo o nariz a um irmão meu com uma colher de pau. Ele chateou-me tanto, tanto, tanto. Eu, para estar na loja, não podia estar a fazer o comer. Não havia horários de fechar as portas. O comércio estava sempre aberto. Depois, eles chegavam. O que é que eles iam comer? Pegavam num bocado de pão de milho e num bocado de bacalhau cru - que, graças a Deus, havia sempre

muito bacalhau -, iam à arca e tiravam um bocado de presunto. Levavam aquilo no pão e comiam. Depois, ao meio-dia, já uma pessoa tinha mais tempo. Já comiam e iam descansados. Mas à noite, anda Adelina, torna a fazer o comer. De noute, também tínhamos que fazer a vida, porque ao outro dia havia mais. No tempo da azeitona, tinha que se ir cedo e já levavam o comer aviado. Só no tempo das sementeiras, quando é muito forte o calor, é que uma pessoa não trabalhava.

"Fiz o meu enxoval"

Eu não brincava. Onde é que eu tinha tempo? Era sempre a trabalhar. Havia sempre que fazer. Onde é que o meu pai era desses? Mas fiz o meu enxoval. O que é, não é como agora. Fazíamos à luz da candeia, da vela, do candeeirozinho de petróleo. E víamos bem, graças a Deus. Éramos, às vezes, quatro e cinco pessoas em volta da mesa. Começávamos novitas já a pensar no futuro. Íamos à peça. Tirávamos um lençol, tirávamos as almofadas. Às vezes, quando as peças eram assim jeitosas, também tirávamos uma toalha para limpar o rosto. Graças a Deus, tenho a minha casa cheia e as malinhas todas cheias de tudo quanto é bom. Também já tive duas heranças. Tive herança da minha mãe. Só que a minha mãe não era assim de tirar muita coisa, porque tinha a loja. E tinha uma prima minha que nos deixou alguma coisinha. Vivía ali na praça. Agora, até lá estão os ingleses. Vendemos a casa. Ah, seja o que for pertence-nos. Também estivemos a olhar por a dona muito tempo. Dormimos, às vezes, até no chão, porque ela não queria ir para a cama. Dormíamos na cozinha. Ainda nos deixou alguma coisinha e pagava sempre o serviço que a gente fazia.

Educação *"Na última é que eu ia para a escola"*

A escola era aqui no fundo da povoação, mas já fazia qualquer coisita quando fui. Já sabia fazer umas contitas de somar. Como comecei logo a trabalhar na loja, sabia fazer contas. Então, a gente vê e vai fazendo. A minha professora chamava-se dona Maria Cruz. Era boa senhora. Tinha lá o quarto na escola e tinha, no andar de baixo, umas galinhazitas para ter uns ovozitos. Eu nem tinha recreio! Tinha sempre que fazer em casa. Na última, é que eu ia para a escola. Ao fundo da rampa, há um becozito. Aquela casa é que era a escola. E, naquela altura, ainda não vivíamos na praça. Vivíamos numa propriedade perto da escola. Aí, é que a gente tínhamos a loja, antigamente. Havia de rapazes e raparigas. As raparigas era aqui no fundo. E os rapazes era no Areal. Onde está agora a Junta, ali é que era a escola dos rapazes. Às vezes, fazíamos récitas, fazíamos festas e andávamos todos. Era uma paródia.

"Tive que ajoelhar no milho"

Já não me lembra bem, mas não ensinavam como agora. Eram livros mais rigorosos para a gente aprender. Até se deu uma vez uma tragédia muito engraçada. Eu estava numa carteira juntamente com uma rapariga, muito minha amiga, do Sardal. Já morreu. Eu, às vezes, até lá ia ajudar-lhe a fazer a festa, quando era no mês de Setembro. Ela tinha um lenço muito lindo, encarnadinho, às pintinhas brancas, muito bonito. Ao fim, eu não pego no lenço e fiquei-me com o lenço da rapariga? Depois, o lenço não aparecia e eu com ele escondido. Se eu tivesse dado na altura o lenço à rapariga... A gente dava-se bem, mas não dei. O meu castigo que foi? A professora pôs milho no chão e eu tive que ajoelhar no milho. Ela realmente teve razão. Para que é que eu queria o lenço? Ah, mas éramos miúdas. A gente não sabia aquilo que fazia e eu tirei-lhe o lenço de brincadeira. Depois, tive aquele castigo. Ai, fiquei cá com um azar à professora e à rapariga. Às vezes, quando vinham aqui à missa ao domingo, a gente ajuntava-se e eu dizia-lhe:

- Ó Zulmira, arre gaita! Vê lá tu o que tu me fizeste! Olha que estar ali com os joelhos no milho! Ai, doeu-me tanto, tanto, tanto!

São paródias! Oh!

"De réguas pouco levei"

Às vezes, a professora tinha uma vara comprida para quem não sabia. E as réguas? A gente estendia a mão, uff, muita vez encolhia para trás. Ai a nossa vida. Eu, nunca. De réguas pouco levei. Mas as minhas colegas levavam. Eram mais burras do que eu, não aprendiam tão bem... Eu, graças a Deus, aprendia bem. Não me custou nada fazer a terceira classe. Aos 10 anos, saí. Já tinha a terceira classe. Estreei um vestido muito lindo para fazer o exame. Era de crepe da China, um castanho muito clarinho. Nessa altura, já levei uns sapatitos. Os primeiros sapatos que eu tive comprou-mos um irmão meu em Coimbra. Custaram 70 escudos. E o meu pai podia-os comprar, mas teimou, não os quis comprar. Um irmão meu é que puxou por o dinheiro, é que os comprou.

Antigamente, o exame da terceira classe era aqui e o da quarta classe era em Arganil. Eu é que acompanhava os meus irmãos a Arganil em todos os exames. Todos apanhavam a distinção. Antigamente, faziam a prova escrita e depois faziam a prova oral. Quem ficava bem ficou, quem ficava mal, ficou mal. Depois, levávamos o farnelzinho num cesto e comíamos uma buchazita. Muitas vezes,

ia-se a pé. Outras vezes, ia-se de carro. Já havia carros na altura. Íamos pela Esculca, Bocado, aquelas terras todas, aí umas três horazitas ou duas e meia eram capaz de demorar, mas os caminhos também não são como agora. Eram caminhos mais reles.

Depois, podia fazer a quarta e até para mim era bom, porque a quarta classe é como agora, com certeza, o quarto ano ou mais. A gente sabia Geografia, dos reis, dos poetas, essas coisas todas. Sabíamos tudo. Mas o meu pai não me deixou ir mais, porque precisava de mim. Paciência. Tive que aprender dando pela minha cabeça. Era assim a vida. Também, naquela altura, não se pensava o que se pensa agora. Por acaso, a quarta classe fez-me muita falta para o comércio e para tudo. Sabia o que sabiam as minhas colegas, mas elas fizeram a quarta classe e eu não fiz. Como comecei logo a trabalhar na loja, sabia fazer contas. Ainda hoje sei, graças a Deus. Foi com a continuação. Em África também era a mesma coisa. Punha tanto duma coisa, tanto de outra, tanto de outra. Quando chegava ao fundo, já sabia quanto é que dava a conta:

- Olha, já sei quanto é!

Tinha uma cabeça de ferro. Tinha prática. Mas agora já não faço.

Religião "*Quando não sabíamos, tínhamos que ir às laranjas*"

Andei na doutrina. Era na praça. Havia ali umas senhoras que davam a doutrina e havia outra no oiteiro que também ensinava. Não é como agora. Era uma doutrina complicada, muita coisa para a gente aprender. Era a doutrina toda! O Pai Nosso, a Salve Rainha, os Mandamentos da Lei de Deus, as Obras de Misericórdia... Só vendo no catecismo é que posso dizer isso. Depois, a gente íamos para a missa e tínhamos que dizer a doutrina ao senhor prior. E, às vezes, algumas não sabiam, ele mandava-nos às laranjas. Quando não sabíamos, tínhamos que ir às laranjas, que era para a gente comer a laranja para ficar com mais memória, para ao outro dia sabermos melhor.

Graças a Deus, fiz a Comunhão. Ah, foi um dia como outro. Ia vestidinha de branco. Parecia uma noiva. Quem me emprestou o vestido e o véu foi uma senhora que era muita amiga do meu pai. Era ali do Pisão de Côja. Fui vestida toda de branquinho. Não levava sapatos. Havia, mas custava muito dinheiro. Tinha umas alpercatazitas. Foram forradas de cetim branco para ir toda de branco.



Maria Margarida, filha de Maria Adelina, acompanhada pelos pais no dia da Primeira Comunhão (Chiúre, anos 60)

Namoro Nem se dava um beijo nem nada

O meu marido era padeiro. Ia vender o pão por as terras. Vivíamos ali perto um do outro e foi assim que a gente tomou conhecimento. Não tinha vagar de namorar. Tinha sempre que fazer no comércio. Era, às vezes, à noite, um bocadito às fugidas. Foi ele que me pediu namoro. Eu gostei dele, ele gostou de mim. Depois, pediu aos meus pais. Já não me lembro. Então, já vai há tantos anos. Já tenho um filho com 56 e a minha Guida tem 47. Mas lembro-me que teve de pedir se lá podia entrar em casa. Não é como agora. Nem se dava um beijo nem nada. Era tudo uma gente sem jeito nenhum. Namorei bem. Parece que nem passou de dois anos. Bem, já nos conhecíamos. Mas nem um beijo nem nada, nem ele, nem eu.

Casamento "*la toda de branquinho*"

Tínhamos que combinar a parte do casamento. Os nossos pais também não estavam satisfeitos de a gente andar todos os dias na mesma vida. Casámos a 22 de Janeiro. Tinha 23 anos e o meu marido tinha 21, menos dois que eu. No dia do casamento, parece-me que até estava a chover. Foi feito lá em cima na casa dos meus pais, por cima do comércio.

O meu vestido foi feito por uma senhora cá da Benfeita, que era modista. A minha mãe comprou o pano. Comprou até em Coimbra na Sociedade de Fazendas, porque não vendia cá esses panos e, depois, mandou fazer. Eu escolhi o feitio. Tinha um decotezinho redondo, depois umas perolazinhas, todo bonito. *la toda de branquinho*. Era um vestido de cetim comprido até aos pés com manga comprida, um véu lindo, sapatinhos brancos e um raminho de flores. Era umas que há por aí muito compridas, a verdura verdinha e umas florzinhas brancas. Ia muito bonita. Era o que se usava. O meu pai podia bem. Na altura que fiz a Comunhão, é que ele já não se ralou, mas o casamento foi. O meu marido ia de azul, camisa branca, a gravata também em azulado muito levezinho e sapatos novos, pretos. Os pais dele também podiam. Eram padeiros cá da Benfeita. Só que não tenho uma fotografia do casamento. Nem havia fotógrafo!

Depois, pagou-se a meias o casamento. Aquele que tinha mais convidados pagava mais. O que tinha menos pagava menos. Agora, vão comer a esses restaurantes aí "*pia baixo*"², mas, antigamente, era sempre na casa da noiva que faziam a festa. Era tal e qual como se usava naquela altura. Na véspera, já se adiantava a vida. Assavam-se as carnes, as cabeças das reses, fazíamos batatas assadas no forno, arroz de fressura... Era conforme havia. Então, fazia-se ao almoço. Já comia toda a família. Havia sopa. Quem queria sopa, era sopa, quem queria canja, era canja. E, depois, eram os doces. À noite fazia-se, às vezes, arroz de fricassé de galinha. Uns comerem antigos e bons.

Chegou-se a noite, fomos para a cama. Fomos viver para o oiteiro, ali para o cimo do povo. Eu digo assim:

- Ai agora! Nem um beijo ele nunca me deu...

²por aí abaixo

Descendência "*Uma cara de enjojada*"



Maria Margarida, filha de Maria Adelina, no Chiúre, durante a estada em África (anos 60)

Casei-me com 23 anos. Daí a um ano, tive o meu filho. Quando a minha filha nasceu, ele já tinha 11 anos. Hoje tenho o meu neto. Está sempre a mostrar as raparigas dele. É muito bonito. É uma cara de "enjojada", é um homenzão alto e bonito. Tem raparigas à bichinha, mas não é para casar. É para entreter. De certeza que, sem estar a trabalhar e acabar o ano, não pode pensar nessas coisas. Tem de estudar primeiro. Mas já leva as mais rucitas para casa. Às vezes, a mãe:

- "Ah malandro! Tu trazes-me esta rapariga. Tu não tens rapariga assente, assim, assado..."

- "Ó mãe, isto é uma brincadeira!"

Ah, é uma brincadeira.



**Maria Adelina da Assunção e a filha Margarida,
no Motorro, durante a estada em África (anos 60)**

Percurso profissional "*Continuámos com o negócio*"

Nunca andei na fazenda, nem nunca fui ao mato em solteira. Casei-me e depois é que aprendi a trabalhar na fazenda. Só depois de casada. Não sabia fazer nada. O primeiro molho de mato que fui buscar, eu nem sabia pegar na roçadoira para cortar. Uma cunhada minha é que me ensinou como é que se pegava na roçadoira. Mas, graças a Deus, sei fazer. Sei semear umas batatas, sei semear tudo.

Depois também fui para África. Estive lá 13 anos. Lá continuámos com o negócio. Tem sido uma vida bonita.

Migração "*Outro futuro melhor*"



Do lado esquerdo da mesa, Maria Adelina da Assunção e o marido César, durante um almoço no Motorro (anos 60)

Em 1961, fui para África. Passámos cá pouco tempo. O meu marido foi primeiro. Foi um cunhado meu que o chamou. Ele foi para ver se se arranjava outro futuro melhor. Não estava mau na aldeia, mas ele era padeiro e andava aí de terra em terra. Às vezes, juntavam-se uns com os outros e bebiam um copito a mais. Vinham para casa, só faziam barulho. Depois, não havia máquinas. Amassava o pão com os braços. Aquilo era manual. Às vezes, havia de amassar o pão muito cedo. O pai gritava com ele, que havia de já ter amassado mais cedo ainda, pois estava muito tarde. Então, ele foi para África. Foi um anito sem mim e eu fiquei cá bem descansadinha. Escrevíamos. As cartas vinham de avião. Às vezes, demoravam, dois dias, três dias.

Fui para África de barco. No Pátria. Até lá ia um senhor de Arganil. Chamava-se Hugo Brandão. Depois, vim no Império. A viagem não era má. Pior era quando o barco ia para baixo e depois vinha para cima. Parece que lá estávamos num camarotezito. Dormia por cima de outro. Eu pensava:

- Só se a correia partir é que eu também vou atrás da correia.

De Lisboa à Madeira, nem a tripulação foi à mesa. Aquilo foi umas horas de amargura. Foi mau. Mas depois a gente encontrou sempre o mar sereno e fez-se

bem. Parámos na Madeira, em São Tomé, na Cape Town, na Lourenço Marques. Em Lourenço Marques, tínhamos o carrinho à nossa porta, mesmo à beira-mar. O barco estava parado, viemos para o hotel. Tínhamos comida, o café na cama e pudemos comer uma refeição.

"Perguntava sempre se havia alguém de Arganil"

Primeiro, estivemos no Chiúre. Depois, fui para o Mirrote. Do Mirrote, fui para o Metorro, que era um cruzamento onde passava toda a tropa, toda a gente. Iam para Montepuez, iam para Nampula, Porto Amélia, que era uma linda cidade, uma linda praia. Eu poucas vezes lá fui. Não tinha tempo de lá ir. E foi assim. Toda a gente ali parava. Era paragem obrigatória. Quando passava uma companhia à minha porta, paravam, digo assim:

- Não há cá ninguém do concelho de Arganil?

Perguntava sempre se havia alguém de Arganil. Às vezes, vinham. Foi um casal, dois rapazes de Monte Frio ficaram e lá casaram. Vinham dos Pardieiros, da Cerdeira... Depois, eles, então, lá se dirigiam. Às vezes, eu conhecia, outras vezes, não os conhecia, outras vezes, conhecia a família. Ainda havia alguma gentita, o que é não estávamos juntos. Estávamos assim espalhados. Estavam os meus irmãos, estava um casal ali do Sardal que vivia mesmo perto de mim, havia assim uma gentita. Era uma gente unida. Às vezes, aos domingos, juntávamos-nos. Um levava uma coisa, outro levava outra e comíamos. Temos fotografias ainda desses tempos.

"Primeiro que uma pessoa ainda aprendesse a língua"

Tínhamos em África quatro casas de comércio bem conhecidas. Casas melhores que qualquer uma aqui na Benfeita. No Chiúre, era à sociedade com gente de cá. A do Metorro é que era só minha. Comprei-a a uma senhora que viveu lá, que era ali do Minho, Trás-os-Montes. Depois, fiquei com a casa e essa era só minha. Tinha uma em Ancuabe, que também era só minha. E tinha outra lá num cruzamentozito. Andámos para fazer uma em Montepuez, mas, depois, já não chegámos a fazer. Já tínhamos lá o terreno, mas o meu marido morreu.

Em casa, tínhamos o preto. Ia fazer o comer, lavava a roupa, fazia-nos as camas. A gente estávamos no comércio, a atender. Eram casas grandes. Vendíamos tudo! Panos, tudo que era de peixe, peixe seco, polvo seco, açúcar, arroz. Tudo para os pretos. Mas tudo era bom. Só o peixe é que era seco. Um dia, digo assim ao meu marido:

- Oh! Vamos hoje também experimentar um bocado de polvo.

Era polvo seco. No lugar de ser tenro, era seco. Tínhamos, então, recebido do Ibo. Mandei lavar bem lavadinho, bem escaldadinho. Depois, fiz arroz com o polvo. Estava mesmo bom.

Primeiro que uma pessoa ainda aprendesse a língua... Ao princípio ainda custou um bocadito, que era para conhecer a pronúncia deles. Mas, depois, aquilo foi indo, foi indo, nada custou. Tive de aprender, porque eles falavam macua. Bem, mas nós tínhamos lá um rapaz, dentro do balcão, que falava bem português, que ensinava a gente. Fomos aprendendo com ele e lá atendíamos os pretos. Ele estava lá sempre à nossa beira a dizer como é que a gente havia de fazer. Foi assim que a gente aprendeu.

Outros também eram maus, mas eu não tenho que dizer. Só um dia dei lá umas quatro cacetadas a um preto, porque roubou-me um saco de castanha. Depois, estava lá a polícia preta:

- "A senhora agora pegue neste pau e dê-lhe duas cacetadas aqui no rabo, no cu."

E eu dei-lhe. Mas, depois, até fiquei arrependida.

Andavam lá aqueles monhés. As nossas casas eram ligadas. Quando era no tempo das castanhas ou do amendoim, punham-se cá fora, na rua, a pegarem numa peça de pano, cortavam aos bocados e davam aos pretos, que passavam com a mercadoria para vender. Eles eram interesseiros. Eu, do meu lado, não dava nada. Do outro lado, até atiravam dinheiro para o chão, para eles apanharem, que era para irem revender a mercadoria a casa deles. Eu digo assim:

- É hoje. Amanhã já não fazem assim.

E assim foi. E fomos indo e aprendendo. Ah! Era uma vida boa.

"Quando falo em Moçambique, choro sempre"

Passámos lá muitas amarguras, muitas, muitas. Tinha medo de noute. Tínhamos lá os cães e todos os dias que eu lá estive, ali dormia a tropa. Um dia, digo assim:

- Ó César, ai que o cão faz tanto barulho! Vai ver o que está aí a acontecer.

Porque, às vezes, passavam os leões, passava essas coisas todas. Ele disse:

- "Olha, está uma companhia de tropa ali a dormir na nossa varanda!"

Não era a companhia inteira. Era um revoltado do 25 de Abril. Era sargento lá, mas ele era tão bom, tão bom... Era capitão da 9.^a Companhia de Comandos. Até vem muito à televisão, mas não recordo agora o nome dele. Ele era misto, que ele era de Moçambique. Trazia-os ali apumadinhos. Tanto comia o preto como comia o branco. Tratava tão bem os pretos. Os sapatos bem engraxadinhos, tudo bem vincadinho. Nunca lá vi um capitão como aquele. Em minha casa era

obrigatório: tinham que comer sempre umas sandes ou beber uma cerveja. E passavam muitos capitães, soldados. Tudo que havia na tropa ali passava. Nem tinha medo. Também tínhamos lá um polícia preto, que guardava a gente, e os cães.

Da guerra, ouvia-se a falar. Ouvíamos dizer:

- "Olha, agora aquele carro foi atacado. Apanhou uma mina."

E morreu lá, pegado aonde a gente vivia, um cozinheiro com uma mina.

Um dia, estávamos a almoçar. Digo assim:

- Ó César, ai que barulho aí vem!

Eram helicópteros que estavam a parar à nossa porta. Depois, o meu Zé Alberto, o meu filho, esteve em Mueda. Havia lá um quartel subterrâneo e foi atacado. Ele apanhou uma pilha de nervos... Ainda hoje tem esses nervos, que apanhou por cima da praia em Mueda. Mas o trabalho era tanto que a gente nem se apercebia o que é que estava para acontecer. Sabiam mais as pessoas fora que sabíamos nós. Tinha uma casa ali perto. Aí já eu tinha bastantes terroristas. Mas nunca nos aconteceu nada. Íamos lá levar mercadoria, porque de dia não tínhamos vagar, por causa de fechar as portas. Depois, o carro enterrava-se. Era uma paródia. Aquilo era giro.

Tenho muita pena de Moçambique, muita, muita. Quando o meu marido morreu, eu estava sozinha e não fiquei assim muito bem. Mas, depois, também tinha de vir à Benfeita, porque tínhamos o cemitério, tínhamos que comprar o terreno. De três em três anos vinha cá. Tenho umas quatro ou cinco viagens de avião! É a coisinha melhor que se pode fazer. Ainda tenho pena de não voltar a África ou a um lado qualquer que fosse de avião. E eu vinha, porque gostava também de vir ver os amigos, de ver a família. E foi assim que vim. Foi o que eu fiz melhor. Ficava lá tudo assim como ficou. Minhas casinhas tão boas... Ai, nem me quero lembrar. A casa do Metorro era uma casinha tão boa. Chamavam lá Cruzamento da Viúva. Se deixou saudades... Eu quando falo em Moçambique, choro sempre. Lembro-me de como tinha lá a minha vida bem encarreirada. Mas o meu marido morreu e a vida tinha que continuar. Aluguei as casas aos meus irmãos e vim. Mas, depois, deu-se o 25 de Abril. Nem eles me pagaram, nem eu lhe podia estar agora assim:

- Ah, tens de me pagar!

Haviam de pagar? Então, eles também ficaram sem nada. Foi assim a vida e foi uma vida bonita. Se o meu marido fosse vivo, a gente ainda continuava. Ficou lá muita gente a viver. Mas é preciso estarem guardados. Até mesmo em Luanda, está lá um primo meu. Diz que não podem ir à praia sozinhos. Vão sempre guardados com a tropa de lá, com a polícia.

Quotidiano "*Economizo muito*"

Às vezes, queria fazer assim umas coisitas, mas não faço. Só vivo da minha reforma e é pequena. Todos os dias, faço o comer para o meu filho. De manhã, tenho que aviar umas sandes. Quando tenho assim o comer mais adiantado, levanto-me às seis e meia. Quando não tenho, levanto-me mais cedo um bocadito. E à noute, tenho sempre a mesa posta para ele comer. O que eu não gasto só com ele. Mas economizo muito. A minha reforma é pequena. Nunca tive nada do meu marido. A gente, lá em África, pagámos as contribuições das casas, das lojas, do comércio e nunca trabalhámos nas obras públicas, nem nada. Não havia descontos como agora. Depois, vim, arranjei uma coisita. Vim como retornada e lá me deram um subsidiozito. Mas não tenho nadinha, nadinha do meu marido.

"Um bocado bem passado"

Agora, desde que vim de África, é que a gente se junta a fazermos serão. O nosso serão sou eu, é uma prima minha - até foi agora a Lisboa -, é a Dorinda e é a Berta. Fazemos sempre até às 11, às vezes menos dez, às vezes mais dez. Elas estão sempre a costurar e olham para as novelas. Eu não olho para a televisão, não gosto de novelas. Não os conheço. Posso estar uma hora, duas, não olho para a televisão. Não me perguntem, que eu não conheço nenhuma, nem homem, nem mulher, nem garoto que foi à televisão. Vêem quatro novelas na TVI, tudo a fio umas das outras. Eu gosto de ver é reclames, é as notícias, o Jorge Gabriel, essas coisas todas assim. Novelas, é que eu não gosto nada de ver. Faço um bocadinho de renda, faço um bocado de ponto cruz - até aprendi em África com uma senhora dum administrador -, faço aquilo que me apetece. Agora, já não faço tanto, porque já tenho idade e a vista já não alcança bem. Para fazer asneiras, não vale a pena. Faço às vezes umas coisitas pequenitas, mas sei fazer muito bem ponto cruz. Depois, jogamos as cartas até à meia-noite. Às vezes, discutimos! E, quando uma ganha, já não vai embaralhar as cartas. É um bocado bem passado! Eu jogo com a dona da casa e a Berta joga com a Dorinda. Conforme a gente está sentada, assim a gente joga. Depois, elas vão para casa e eu venho para a minha. Como aquela senhora, a Gilberta, é assim um bocado coxa, anda com muleta, tenho medo que ela caia, porque tem dois degraus no caminho para casa dela. Tenho muito medo e vou sempre levá-la à porta. Agora, a minha prima foi para Lisboa passar uns dias, passar uma semana e eu vou para fazer companhia à Gilberta. Vou levar-lhe a botija à cama para ela não descer as escadas. Se ela

cai, já se não levanta. Tem que ir de rastos para uma coisinha alta para ver se se consegue levantar. Só nas escadas é que ela se levanta.

E passemos assim a vida. Já há 30 e tantos anos, desde que eu vim de África. Primeiro, era numa casa duma prima minha, mas essa já morreu. Vivía por cima do café. Era a dona do café. Agora, como ela morreu, fomos ali para casa da outra minha prima e estamos lá. Ela acende a braseirinha, pusemos um mocho a fazer altura, depois uma mantazinha por cima e aí estamos todas quentinhas.

Costumes Tradições da Benfeita

"Guardo os dias santos todos"

A Benfeita tem muitos santos: Mártir São Sebastião, Nossa Senhora da Guia, Santa Rita, Senhora dos Passos, Senhora das Dores, Sagrado Coração de Jesus, Santo António, São José... Mas mais importante é o Santíssimo Sacramento e a Senhora da Assunção.

A festa do Santíssimo Sacramento é a festa mais importante. É o primeiro domingo do mês de Junho. Há outra que é o dia 15 de Agosto. É da Senhora da Assunção. É feriado em todo o Portugal. Até dizem que é em todo o mundo. Não sei se é em todo o mundo, se não, mas sei que é um dia muito lembrado. Antigamente, faziam também a festa do Mártir São Sebastião, que era muito devoto da fome, da guerra, da peste, destas coisas assim. Agora, não, já deixaram de fazer. Já nem guardam o dia. Eu não! Eu guardo os dias santos todos. Não faço nada. Aos dias santos, só faço a vida de casa. Posso andar a trabalhar de véspera e de antevéspera, mas aquele dia, não. A minha mãe ensinou-me a guardar os dias santos.

Claro que são festas muito grandes. É a festa religiosa na igreja. Fazem a procissão. Dá a volta em toda a povoação. Saía da igreja até ao tanque. Depois, ali à praça, ao café, desciam para baixo. Subiam a rampa, davam a volta e iam para a igreja. Iam e vinham quase sempre por a mesma estrada. Depois, os mordomos levavam as ofertas e iam leiloá-las no Areal.

A música ia almoçar e depois estava toda a tarde a tocar. Faziam o arraial. Era dançar e estava uma mulherzinha ao lado a fazer o café da cafeteira. Vendia os cafés e os bolos e todas as pessoas iam comer. Era bonito. Mesmo agora ainda se junta muita gente. Aqui nunca pagam nada, é tudo sempre de graça. Depois, esta malta em toda a volta vem tudo para aqui. Mas já ninguém quer música. Agora é que falam aos conjuntos.

Eu nunca fui a um baile. Não tinha vagar, porque o meu pai não me deixava ir. Tinha sempre que fazer em casa. A minha irmã ia. Mas também era muito raro ele deixar ir. Dizia:

- "Cama! Vamos embora! Cama!"

Então, fazíamos a vida, íamos para a cama.

"Não há arroz-doce tão bom como o da Benfeita"

Às vezes, muitas pessoas já deixavam ficar o cozido feito, que era para assistirem às festas religiosas. Convidavam uns convidados para virem à festa e, quando vinham, é que comiam. Era cabrito assado, as batatas, a hortaliça, tigelada, coscoréis, arroz-doce. Antigamente só faziam arroz-doce de festa a festa. E não faziam tanta variedade. Mas agora a gente faz quando nos apetece. E eu, graças a Deus, sei fazer o comer. Não é comer modernos, isso não faço. Mas o comer antigo, tenho jeito.



Maria Adelina, Lucinda e Dorinda a fazerem chouriças

Não há arroz-doce tão bom como o da Benfeita. A gente, às vezes, no Centro de Dia, vamos comer fora. Ajuntamos com as nossas colegas, as nossas utentes. Enquanto houver arroz-doce da Benfeita, não há outro. O arroz da Benfeita é que marca o arroz-doce. Eu faço assim: pusemos uma pinguinha de água no tacho conforme a quantidade que a gente faz. Se se faz meio quilo, tem que se pôr menos. Se faz 1 quilo é que se tem que pôr mais. Depois, lavamos o arroz em

três águas. Quando estiver a ferver, pomos o arroz para o tacho. Deixamos abrir o arroz na água. Depois, vamos pondo leite, leite, leite até ele precisar: 1 quilo de arroz-doce leva uns 7 litros de leite. Depois, então, pusemos o leite, deixemos apurar bem até cozer; pusemos o açúcar, um bocadinho de sal, uma casca de limão ou uma folha de laranjeira. Deixa-se apurar mais apuradinho, tiramo-lo e comemo-lo. Antigamente, era 1 litrito de leite. Ficava aquele arroz-doce a luzir. Não havia leite como agora. Era das cabritas mas, quando era no mês de Agosto, já não havia leite das cabras. O que é que a gente fazia? Fazíamos a tigelada. No lugar de pôr 1 litro de leite, púnhamos meio e depois púnhamos-lhe o resto de água. E era boa. Batemos os ovos muito bem batidinhos e pusemos já um bocadinho de açúcar a nosso gosto quando estamos a batê-los. Depois, pusemos-lhe o leite. Agora, faz-se tudo em leite. É 1 litro de leite e 1 dúzia de ovos. Mas os leites de agora também são fracos. Não é como o das cabras de antigamente. Eu bato sempre com a máquina. Depois vai para o tacho e dentro do fogão é que vai cozer.

Eu sei fazer bem estes doces. Às vezes, fazemos um leitezinho-creme, fazemos umas farófias, faço também, por causa do meu Zé Alberto, um pudinzito com ovos, uns bolinhos amarelos, o pãozinho-de-ló, um bolozinho de maçã quando me apetece... Bem, vamos fazendo alguma coisita. Dizem que o açúcar que engorda. A mim, graças a Deus, nada me engorda. Mas, agora, vai-se para os restaurantes, é só natas. Eu nunca comi um pastel de nata, nunca comi um iogurte. Nem quero! Eu não como desses bolos que têm cremes por dentro. À minha barriga não vão.

"Assim nos entretínhamos"

Eu não ia às debulhas e descascar o milho. Mas gostava de ir, que era uma paródia! A minha irmã ia. Juntavam-se à noite umas com as outras. Depois eram muitas raparigas, muitos rapazes. Um dizia uma coisa, outro dizia outra e assim nos entretínhamos. Às vezes, quando as debulhas era fora da povoação, havia assim estas casinhas que tinham os quintais para secar o milho. Eu bem gostava de ir, mas não me deixavam. Até vou contar: um dia houve uma inauguração ali em Arganil que era a Casa da Criança. Ia lá o meu César, que ainda namorávamos, foi o meu pai, a minha mãe, foi essa malta toda e eu fiquei cá. O meu pai não me deixou ir! Tive que ficar na loja a guardar e a aviar os fregueses. Era assim a vida. Só se pensava em trabalhar.

Mas ainda aprendi no Rancho dos Manjericos, que eu ainda sou dessa data do princípio do Rancho. Havia muitas raparigas, muitos rapazes e depois formou-se um rancho. Eu andei nos ensaios. Cantava e dançava. Depois,

chamavam a gente. Íamos um dia a uma terra, outro dia íamos a outra. Cada um tinha o seu par. Depois, dançávamos. Mas eram umas danças difíceis, não é como agora. E assim se foi passando o tempo. Também houve cá o rancho dos miúdos, mas, depois, tinham que comprar uma farda nova e o homenzinho que ensaiava morreu... Acabou o rancho, acabou tudo.

Tradições de Carnaval

Há um dia que se chama Dia dos Compadres. Esse é por o Carnaval. É uma quinta-feira. Há os compadres e as comadres. Escrevem num papel o nome da rapariga e do rapaz. Depois, um tira a rapariga, outro tira o rapaz. Ficam compadres e dançamos a valsa dos compadres. Faz-se sempre um baile. Se a gente não se esquecer, fiquemos sempre a chamar-nos compadres. Todos os anos se arranja um. Mas agora não fazem nada disso. Só o Centro ainda faz, mas são velhos já. Depois fazem lá um toquezito e dancemos.

Quando era o despique, havia mais que um baile cá na terra. Isso ainda era um Carnaval jeitoso. O despique é mais que um baile na mesma terra. Uns iam para um lado, outros iam para outro. Iam contar o que se passava num lado e o que se passava no outro. Depois, fazia-se as danças na rua, assim tudo a marchar e a cantar e cada um mostrava aquilo que sabia. Agora, quando não havia despique, era um Carnaval morto.

"Beijamos aqui o Senhor"

A Páscoa é muito bonita, também. Tudo tem suas casas ornamentadas, assim às portas, para o padre vir tirar o foliar. Dizem a missa mais cedo, que é para andarem na freguesia a pedir. Depois, vêm dar as boas-festas a casa e beijemos o Menino Jesus. Um padre começa lá em baixo, no fundo da povoação. Outro padre faz esta baixa debaixo e vai lá acima à porta da minha Guida. Quando cá vem a minha filha, nem vou a casa dela receber o padre, porque é muito cedo. Já não temos tempo de ir a um lado e ir ao outro. Espero em minha casa que eles venham e beijamos aqui o Senhor. A gente bota o foliar dentro do envelope, conforme pode. Antigamente, havia as notas de 500 escudos, a gente punha 500 escudos. Agora vai pôr uma moeda? Também parece mal. Temos que pôr ao menos 10 euros. A nossa igreja não tem rendimentos nenhuns. Nós é que temos que governar o padre. Dão-lhe um tanto cada mês. Antigamente, não era assim. Também não havia estas reformas. Muita gente só dava 10 tostõezitos e eles iam todos contentes. Aqueles que não tinham esse dinheiro davam um queijo, punham uma chouriça, um bolo, uma coisa qualquer que pudessem pôr. Agora,

não. Mete tudo dinheiro. Mas quando o padre pedir, a gente dá porque também o merece.

Do Natal ao Ano Novo

No Natal, vai-se aos cepos, as raízes dos pinheiros, das árvores. Depois, juntam ali na capelinha e ali é que fazem a fogueira. Ajuntavam-se a ver os cepos. Às vezes, levavam para lá chouriças e assavam. Este ano, até lá fizeram a sopa da pedra numa panela grande e noutra cozeu-se a carne. Partiu-se aos bocadinhos pequenitos e juntou-se a hortaliça. Fez-se a sopa e estava bem boa. Depois, uma ofereceu um bolo, outra ofereceu outro e assim se comeu. À noute, cada um ia para sua casa para comer as filhós, comer o que havia e passar com a família.

Mas mais é por o Ano Novo que se ajuntam a comer as passas. Andavam a pedir de porta em porta as Janeiras. Depois, uns davam os ovos, outros davam uma chouriça e assim faziam aqueles pastelões e comiam. Vergonha era não darem alguma coisinha. Depois, faziam uma festa. Mas era só quem andava a pedir, os homens. As mulheres não iam. Hoje, não há nada que interessa nem que uma pessoa conta. Cada um está nas suas casas.

O Dia da Cobra

No dia 1 de Maio, nem uma folha de couve eu quero cá em casa. Dizem que vem a cobra. Aqui na povoação, ninguém vai à horta nem ninguém vai a trazer nada para casa. É que há muito tempo, já há anos - isso até aconteceu com uma tia minha -, deu-lhe na cabeça, ou esqueceu-se ou não sabia, e foi ao mato. Quando estava a poisar o molho do mato à beira da casa, onde tinha o gado, viu uma cobra a sair do molho do mato. Depois, uma pessoa tem medo das cobras. Mas eu posso ver uma cobra grande que não me assusto. Estava habituada a elas em África. Um dia estávamos lá na varanda. Digo assim:

- Ó César, ai que anda ali uma coisa a mexer na varanda... Ai que cobra grande!

Eram as cuspidieras. Teve que dar-lhe um tiro e matá-la.

Lugar *Um lugar chamado Benfeita*

À Benfeita chamavam antigamente Valverde. Tem lá acima uma capela, mesmo ao pé da Torre Salazar, que é oitavada. Depois vieram cá uns senhores antigos que disseram assim:

- "Ai que capelinha tão bem feitinha!"

Depois, ficou o nome Benfeita e o Valverde foi-se embora! É verdade isto. Ainda era mais bonito Valverde que era Benfeita.

"Dá 1600 badaladas o dia que acabou a Guerra"

Temos aqui a Torre Salazar. Eu não sei bem contar. Fizeram aquela torre e era para ficar mais alta. Mas aqueles senhores que viviam por baixo, diziam que aquilo tinha fracos alicerces e tinham medo que a torre mais alta caísse para cima das casas. Ainda lá está, graças a Deus, mas também não lhe fizeram altura. Depois, puseram-lhe o nome Torre Salazar. Agora, até nem querem que seja a Torre Salazar. É tudo uma gente maluca.

Parece que dá 1600 badaladas o dia que acabou a Guerra Mundial. Eu até ainda me lembro como se fosse hoje. Andava ali eu daquele lado. Estávamos a cavar um bocadito de terra para uns feijões. Depois, disseram:

- "Ai, acabou a guerra, acabou a guerra!"

Havia cá uma gente muito civilizada, que era desses Matias. Muito civilizada, educados e gente rica, gente de "teres". Eles é que comunicaram para cá que tinha acabado a guerra. E, como andavam a fazer a torre, aplicaram o sino que dá 1600 badaladas o dia que acabou a Guerra Mundial. Depois, fizeram-lhe uns versos. Ainda lá vão todos os anos, no dia 7 de Maio, cantar esses versos. Sei encarrear umas com as outras, mas sozinha já não sei. Acho que cantam assim:

O 7 de Maio

Não esquecerá.

O sino escutai-o

Ele vos lembrará

Que foi nesse dia

Que acabou a guerra

Chorai de alegria...

Os Matias eram ministros e agora não fazem nada para a terra. Havia aí umas placas deles e, quando foi do tempo do 25 de Abril, escavacaram as placas. Então, eles nunca mais deram nada para cá. Nunca mais. Nem cá vêm. Até já venderam a casa. Foi uma coisa muito mal feita. Isto são coisas que ficam na memória.

Memórias de tempos difíceis

A aldeia já foi uma aldeia mais reles. Antigamente, iam buscar as urnas, os caixões para levar os mortos a Arganil a pé. E vinham a pé com elas à cabeça. Uma mulher com metade, outra com outra metade. Depois, paravam no caminho, às vezes, dançavam. Antigamente, elas iam daqui para o Pai das Donas, para as Luadas e para o Sardal com dez e 12 telhas à cabeça! Iam ganhar 8 e 10 tostões! A miséria que era naquele tempo. Aos domingos, era a bichinha para irem lá ganhar 10 e 8 tostões, que era uma miséria. E carregadinhas aqui "pia cima"³. Eu não tinha essa vida. Às vezes, ainda lá cheguei a ir, mas eu era mais por paródia, para ir com as mulherzinhas.

Até cá houve uma coisa muito engraçada. Aqui, as mulheres andavam a carregar as cavacas no tempo do Verão, que era depois para terem de Inverno. Um dia, elas vinham de noite aqui para baixo, para as cavacas, e os rapazes pensaram em se juntar ali perto da igreja. Às vezes, faziam dois, três caminhos de noite. Nem sei já quem foi o rapaz. Diz assim:

- "Elas, amanhã, estão a combinar, vêm aqui para o adro. Nós vamos-lhe meter susto!"

Começaram a tocar o sino. Depois as mulherzinhas que iam para as cavacas:

- "Ai, o que é que aconteceu? O que é que aconteceu!? Estão a tocar o sino, estão a tocar o sino, o que é que aconteceu?"

Àquela hora, de noute, as horas davam, mas aqueles toques, não. Depois é que eles, então, apareceram. Vinham tocar o sino, que era para assustar as raparigas. Elas diziam:

- "Aqueles malandros andam lá a tocar o sino para assustar a gente."

Foram umas infelizes, antigamente. A mim e à minha irmã nada disso aconteceu. Mas muitas mulheres levantavam-se de noite e iam indo para aqueles lados do Carcavão. Não havia estradas como agora. Agora, está tudo limpinho para irem fazer a corrida, mas antigamente não. Elas iam com uma "falheira", uma tábua assim comprida. Uma vinha à frente e outra vinha atrás. Até diziam que vinham a "bichar" uma com a outra. A da frente tinha que dar os passos certos com a detrás. Se desse assim um passo mais largo, às vezes, podiam tombar e lá caía a tábua para o chão. Iam sempre a pé as mulheres.

Havia gente em Arganil, que era daqui da Benfeita e tinham cá os lagares. Quando era no tempo do azeite, iam essas mulheres, mais que uma e que duas e três, levar lá o azeite àquelas senhoras a quem pertencia o lagar. Eram pobres. A mais das vezes tinham que lavar roupa ao domingo para vestir à segunda-feira. E

³por aí acima

agora? A gente olha o caixote do lixo, até é uma dor de alma uma pessoa ver as coisas estragadas como lá estão. É sapatos, é calças, é meias, é tudo. Mas coisas boas. O que não podem vestir põem tudo para o lixo.

"Barbeiros que sabiam como médicos"

Havia cá dois barbeiros que sabiam como os médicos. Um era José Maria. Vivia ali ao fundo do café. Aprendeu a dar injeções e certas coisas que fazia. Ao outro chamávamos José Augusto "Linhaça". Um dia, o meu sogro foi ao barbeiro para arrancar um dente:

- "Olhe, ó tio Zé Maria, vinha aqui para me tirar este dente."

Arrancou-lhe o que estava bom e o que estava podre ficou. Depois teve que lá voltar outra vez:

- "Ó tio Zé Maria, então o dente está-me a doer tanto!"

- "Então, já to arranquei."

- "Ah, você arrancou-me o que estava bom e o que estava mau ficou."

Mas aquele senhor que se chamava José Augusto era um bom parteiro. As mulheres não iam agora para Coimbra para ter um filho. Elas alcançavam e depois era até ao dia de ter o filho sem ter uma consultazinha. E, graças a Deus, tudo corria bem.

Eu parti uma perna tinha 5 anos. Nós até vivíamos aqui em baixo, ao fundo, onde foi a loja do comércio. Em brincadeira, pus a vassoura entre as pernas e ia assim a andar "pia cima"⁴. Depois, a fugir de um cavalo, tombei para o lado, parti uma perna. Não havia cá médicos. Veio cá um doutor - vivia aqui em Côja - chamado doutor Alberto, mas quem me arranjou a perna foi um barbeiro. Ele sabia muito bem. Tinha muita prática a arranjar pernas e braços. O doutor Alberto confiou nesse barbeiro, que nem foi ver a perna. Daí por um mês, pus-me a andar. Ainda era novita. O que é estive um mês deitada com um aparelho de madeira na perna. Lavavam-me e vestiam-me na cama, que eu não podia. Os braços, mexia bem, mas a perna não. E, graças a Deus, fiquei bem. Já parti a perna, já parti outra vez a perna, parti a clavícula, parti um braço, já parti muita coisa. Mas, desde que vim de África, onde parti a clavícula e o braço, nunca mais fui a um médico. Há dias fui tomar a vacina contra o tétano, porque disseram:

- "Ai, tens de ir, tens de ir que é obrigatório!"

Mas, graças a Deus, tenho 80 anos, nunca mais tomei um comprimido, nunca fui ao médico.

⁴por aí acima

"No Verão é que isto é bonito"

Agora, a Benfeita é uma aldeia boa. Há bom e mau, mas temos cá muita coisinha. No Verão é que isto é bonito. Temos a terra muito iluminada, a piscina lá adiante, o quiosque, tivemos cá a música, tivemos cá cinemas. O "Mamma Mia" foi estreado na Benfeita! Foi o primeiro cinema. Como o Areal estava! Do outro lado, onde é o campo da bola, era tudo, tudo, tudo almofadado. Cadeiras e tudo! Eu não sei onde é que foram buscar tanto dinheiro para fazer isto. E tudo de graça. Ninguém pagou nada! Foi muito lindo. Côja, Arganil, essas terras, tudo com inveja de ser aqui estreado.

De Verão, há muita gente a visitar a aldeia. Daqui vão para a Fraga da Pena, vão para a Mata da Margaraça, vão para o Piódão. À Fraga da Pena só fui uma vez. E aqui tão pertinho. Nunca mais lá fui. E ao Piódão também. Ajunta-se aqui para baixo... Eu agora não tenho susto nem tenho medo dos carros, mas nunca mais lá vou.

Avaliação "*Fui entrevistada!*"

Eu, para estar a contar estas coisas antigas, nem sei. Mas gosto deste trabalho de recolherem as histórias antigas. Logo, se a minha filha me telefonar, já lhe digo que fui entrevistada! Eu até tenho pena de não mostrar as fotografias que tenho aí antigas. Por acaso, o meu neto também gosta. Ele, quando para aqui vem, está a ver sempre a Internet.